

HISTÓRIA E ARTE

CRÍTICOS E ARTISTAS ESTÃO NA HISTÓRIA DOS PRÊMIOS DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRÍTICOS DE ARTE

LISBETH REBOLLO GONÇALVES – ABCA/SP
SANDRA MAKOWIECKY – ABCA/SC

RESUMO: Com o objetivo de reconhecer a contribuição de críticos, artistas, pesquisadores, instituições e personalidades atuantes no campo das artes visuais para a cultura nacional, a ABCA instituiu, em 1978, um prêmio anual concedido na forma de troféu. Desde então, essa premiação vem sendo atribuída, anualmente, a diferentes personalidades do meio artístico. No presente texto, contudo, o foco recai sobre os troféus e os artistas responsáveis por sua concepção, até o ano de 2025.

PALAVRAS-CHAVE: artes visuais; premiação artística; troféus; artistas; Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA).

ABSTRACT: With the aim of recognizing the contribution of critics, artists, researchers, institutions, and personalities active in the field of visual arts to national culture, ABCA established an annual award in 1978, granted in the form of a trophy. Since then, this award has been given annually to different personalities in the artistic community. In this text, however, the focus is on the trophies and the artists responsible for their design, up to the year 2025.

KEYWORDS: visual arts; artistic awards; trophies; artists; Brazilian Association of Art Critics (ABCA).

Em 24 de junho de 2026, no Teatro Antunes Filho, no SESC Vila Mariana, em São Paulo, ocorrerá a solenidade de premiação da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA). Com o objetivo de reconhecer a contribuição de críticos, artistas, pesquisadores, instituições e personalidades atuantes no campo das artes visuais para a cultura nacional, a ABCA instituiu, em 1978, com o patrocínio da FUNARTE, um prêmio anual concedido na forma de troféu. A premiação é atribuída, anualmente, a diferentes personalidades do meio artístico, com poucas interrupções ao longo de sua trajetória.

Desde sua criação, o troféu passou por diferentes versões, concebidas por artistas de reconhecida relevância. As categorias de premiação recebem o nome de críticos e críticas que tiveram destacada contribuição para a cultura e para as artes plásticas no Brasil.

Ao longo do tempo, o prêmio sofreu alterações e acréscimos. Atualmente, contempla 14 categorias, sendo que a décima quarta corresponde aos

Destaques Regionais, subdivididos nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste, totalizando 18 premiações. Além dos troféus, a ABCA também concede destaques e homenagens especiais para personalidades do cenário das artes plásticas.

No presente texto, contudo, o foco recai sobre os troféus e os artistas responsáveis por sua concepção, como forma inicial de atualização da trajetória anteriormente sistematizada no livro *Prêmios da Associação Brasileira de Críticos de Arte*¹, de Sandra Makowiecky e Viviane Baschirotto, publicado com dados até o ano de 2019. Cabe lembrar que a premiação foi interrompida em razão da pandemia de Covid-19, nos anos de 2020 e 2021, sendo retomada em 2022.

TROFÉUS DO PRÊMIO ABCA E SEUS AUTORES

- Anos de 1990 a 1994 – Autoria de Haroldo Barroso (o troféu teve a duração de cinco edições)
- Anos de 1995 a 1999 – Autoria de Bruno Giorgi (o troféu teve a duração de cinco edições)

- Anos de 2000 a 2015 – Autoria de Nicolas Vlavianos (o troféu teve a duração de 16 edições)
- Anos de 2016 a 2018 – Autoria de Maria Bonomi (o troféu teve duração de três edições)
- Anos de 2019 a 2022 – Autoria de Maria Bonomi (o troféu teve duração de duas edições)
- Ano de 2023 – Autoria de Sanagê Cardoso (o troféu teve uma edição exclusiva para a premiação do ano de 2023)
- Ano de 2024 – Coletivo Kókir. Tadeu dos Santos Kaingang e Sheilla Souza (o troféu teve uma edição exclusiva para a premiação do ano de 2024)

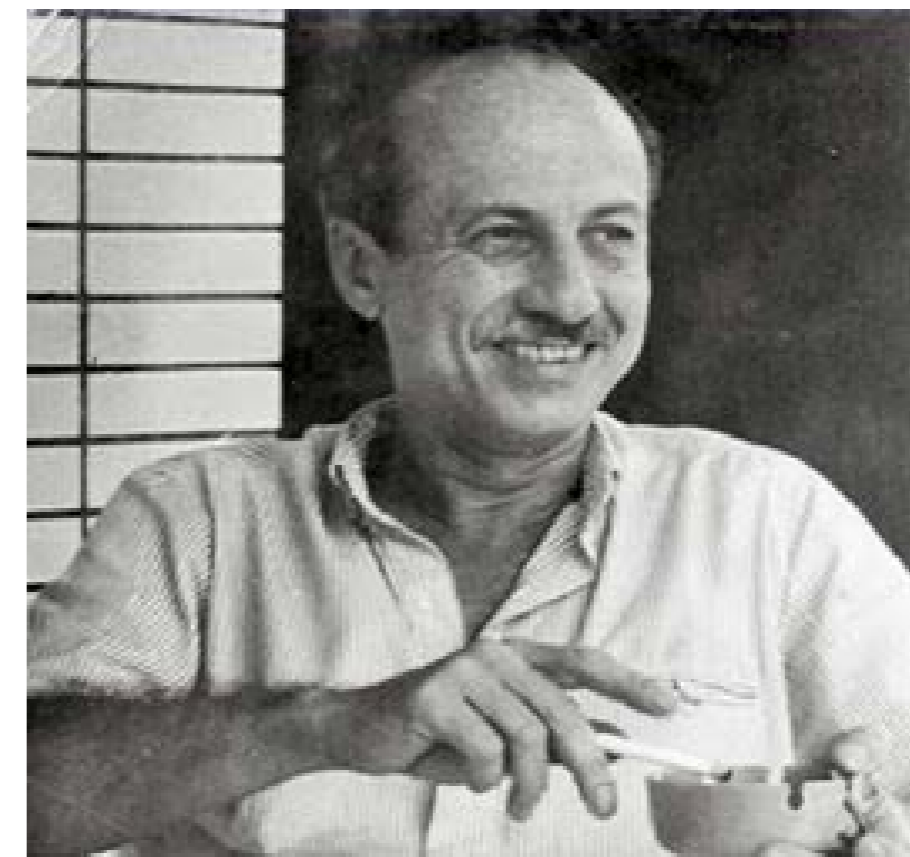
Colegas artistas contribuíram para o enriquecimento e importância da premiação da ABCA com suas obras, que foram encomendadas em formato de troféu. Segue, nesta seção, uma homenagem em que destacamos os artistas em breves biografias e as obras que nos legaram, ao conceber os troféus. Associados auxiliaram-nos, cedendo fotografias dos troféus. As fotografias receberam tratamento de imagem para publicação.

ANOS DE 1990 A 1994 – AUTORIA DE HAROLDO BARROSO (O TROFÉU TEVE A DURAÇÃO DE CINCO EDIÇÕES)

Escultor, arquiteto e paisagista, Francisco Haroldo Barroso Beltrão (1935, Fortaleza, CE – 1989, Rio de Janeiro, RJ) desenvolveu uma produção situada no campo das experiências abstratas que marcaram a renovação das artes visuais no Brasil a partir da segunda metade do século XX. Sua trajetória dialoga com a revitalização do abstracionismo do pós-guerra e com a difusão das propostas concretas, que ganharam força no país sob a influência de Max Bill e das formulações estéticas associadas à poesia concreta. Nesse contexto, sua obra revela interesse pela ordem geométrica, pela construção formal e pela relação entre arte, racionalidade construtiva e organização do espaço.

Paralelamente à prática escultórica, Beltrão aproximou-se das reflexões modernas sobre urbanismo e paisagismo, integrando-

se a um conjunto de artistas que, nas décadas de 1950 a 1970, buscaram ampliar o campo da escultura para além do objeto autônomo, explorando sua inserção no espaço arquitetônico e urbano. Essa perspectiva o levou a desenvolver projetos voltados à integração entre arquitetura e artes plásticas, aproximando sua



produção de debates característicos da modernidade artística brasileira, nos quais a arte pública e a colaboração interdisciplinar ocupavam papel central.

Algumas de suas obras públicas encontram-se instaladas no Palácio do Planalto, em frente ao *campus*

Figura 1 – Haroldo Barroso
Fonte: Disponível em: <http://haroldobarroso.blogspot.com>. Acesso em: 22 jan. 2022



da Nicarágua e a Fundação Armando Álvares Penteado, em São Paulo, além de integrar coleções particulares relevantes, como as de João Sattamini, Niomar Moniz Sodré Bittencourt e Gilberto Chateaubriand.²

Figuras 1a e 1b -
Fonte: Disponível em:
<http://haroldobarroso.blogspot.com>.
Acesso em: 22 jan. 2022

da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no Mosteiro de São Bento e na Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda (RJ). Sua obra integra acervos de instituições como o Museu Nacional de Belas Artes, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, o Museu de Arte Moderna de São Paulo, o Museu de Arte Moderna de Curitiba, o Museu de Arte Moderna



Figura 2 - Prêmio ABCA 1990-1994 por Haroldo Barroso.
Fonte: Ana Maria de Moraes Belluzzo

ANOS DE 1995 A 1999 – AUTORIA DE BRUNO GIORGI (O TROFÉU TEVE A DURAÇÃO DE CINCO EDIÇÕES)

O escultor Bruno Giorgi (Mococa, SP, 1905 - Rio de Janeiro, RJ, 1993) ocupa posição relevante no processo de renovação da escultura moderna no Brasil ao longo do século XX. Ainda jovem, mudou-se com a família para a Itália, fixando-se em Roma em 1913. Nesse contexto iniciou, em 1920, seus estudos de desenho e escultura, tendo contato com o ambiente artístico europeu. Durante a década de 1930, envolveu-se em movimentos antifascistas, o que resultou em sua prisão, em 1931, e condenação a sete anos de cárcere. Em 1935, foi extraditado para o Brasil, por intervenção do embaixador brasileiro na Itália.

Instalado em São Paulo, aproximou-se de importantes figuras do meio artístico e intelectual, entre elas Alfredo Volpi e Joaquim Figueira. Em 1937, viajou a Paris, onde frequentou academias livres como a *Académie de la Grande Chaumière*



Figura 3 - Bruno Giorgi
Fonte: Disponível em
<https://galeriandre.com.br/artistas-interna/407/bruno-giorgi/>.
Acesso em: 21 fev. 2022

e a *Académie Ranson*, tendo contato com o escultor Aristide Maillol. Ao retornar ao Brasil, em 1939, passou a conviver com intelectuais e artistas ligados ao modernismo, como Mário de Andrade, Lasar Segall, Oswald de Andrade e Sérgio Milliet.

Nesse período, aproximou-se dos artistas do Grupo Santa Helena e integrou a Família Artística Paulista, dedicando-se também ao desenho de modelo vivo e à pintura. Em 1943, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde, a convite do então ministro Gustavo Capanema, instalou seu ateliê no antigo Hospício da Praia Vermelha. Nesse espaço orientou jovens artistas, entre eles Francisco Stockinger, e participou da equipe responsável pela integração artística do edifício do Palácio Gustavo Capanema, então sede do Ministério da Educação e Saúde, realizando trabalhos para o jardim projetado pelo paisagista Roberto Burle Marx.

A partir da década de 1950, sua escultura passou a enfatizar valores formais como ritmo, movimento e



Figura 4 - Prêmio ABCA 1995-1999, escultura de Bruno Giorgi cedida pela viúva do artista, Sra. Leontina Giorgi. Fonte: Daisy Peccinini de Alvarado

tensão espacial, articulando linhas curvas e formas angulares. Nesse período, intensificou o uso do bronze, produzindo figuras esguias nas quais os vazios assumem papel estruturante, frequentemente predominando sobre as massas. Na década seguinte, sua produção incorporou novas inflexões formais, com maior presença da geometrização e a adoção do mármore branco em substituição ao bronze em determinadas obras. Entre suas esculturas mais conhecidas destacam-se *Os Guerreiros* (1959), popularmente chamada *Os Candangos*, instalada na Praça dos Três Poderes, e *Meteoro* (1968), situada no espelho d'água do Palácio Itamaraty, sede do Ministério das Relações Exteriores. Essas obras consolidam sua contribuição para a escultura pública brasileira e para a articulação entre arte, arquitetura e espaço urbano no contexto da modernidade artística do país³.

ANOS DE 2000 A 2015 – AUTORIA DE NICOLAS VLAVIANOS (O TROFÉU TEVE A DURAÇÃO DE 16 EDIÇÕES)

Nicolas Charilaos Vlavianos (Atenas, Grécia, 1929), escultor e professor. Inicia sua formação artística em Atenas, onde, entre 1955 e 1956, dedica-se à pintura sob orientação de Costa Eliades. Posteriormente transfere-se para Paris, onde estuda escultura na *Académie de la Grande Chaumière*, com Ossip Zadkine (1890-1967) e frequenta a *Académie du Feu*, vinculada ao pintor László Szabó (1913-1984). Em 1958 e 1959 participa do salão *Réalités Nouvelles*, espaço central para a difusão da abstração no cenário artístico parisiense do pós-guerra.

Em 1961 fixa residência em São Paulo, inserindo-se no circuito artístico brasileiro em um período marcado pela consolidação institucional das artes visuais e pela projeção internacional da Bienal de São Paulo. A partir de 1969 passa a lecionar expressão tridimensional na Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Armando

Álvares Penteado (FAAP), instituição na qual se tornaria professor titular, exercendo papel relevante na formação de artistas e na difusão de práticas escultóricas contemporâneas no ambiente acadêmico.

Sua produção escultórica situa-se no campo da abstração, caracterizando-se pela investigação das relações entre forma, equilíbrio e tensão espacial. Em diálogo com a tradição da escultura moderna europeia, particularmente com



Figura 5 - Nicolas Vlavianos
Fonte: Fotografia de Cristina Rufatto. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/galerias/direto-da-fonte,nicolas-vlavianos-abriu-a-exposicao-trajetorias-na-pina-estacao,30943>. Acesso em: 21 fev. 2022

as pesquisas volumétricas associadas ao ambiente artístico da chamada Escola de Paris, Vlavianos desenvolve uma linguagem marcada pela síntese formal e pela exploração das articulações entre massa, vazio e ritmo estrutural. Suas obras evidenciam interesse constante pela relação entre escultura e espaço, seja no contexto expositivo, seja na inserção da forma escultórica na paisagem urbana.

Nesse sentido, sua trajetória aproxima-se das investigações realizadas por artistas que, no Brasil, consolidaram uma vertente construtiva e abstrata na escultura a partir das décadas de 1950 e 1960. Embora por caminhos próprios, seu trabalho dialoga com pesquisas formais desenvolvidas por Franz Weissmann (1911-2005), Amílcar de Castro (1920-2002) e Sérgio de Camargo (1930-1990), artistas que também exploraram as tensões entre estrutura, espaço e síntese geométrica no âmbito da escultura moderna brasileira.

Ao longo da década de 1960, obtém reconhecimento em importantes certames artísticos no país, sendo



Figura 6 - Prêmio ABCA 2000-2015 por Nicolas Vlavianos.

Fonte: Sandra Makowiecky

premiado na 7ª Bienal Internacional de São Paulo (1963). Realizam-se retrospectivas de sua obra no Museu de Arte de São Paulo (MASP), em 1993, e no Museu de Arte Brasileira da FAAP, em 2001. As intervenções do artista pela cidade evidenciam seu interesse pela presença da escultura no espaço urbano e pela articulação entre arte, arquitetura e paisagem.

Vlavianos integrou ainda o Conselho Diretor do International Sculpture Center (ISC), com sede em Washington, D.C. Sua obra encontra-se representada em coleções particulares e institucionais, entre as quais o Museu de Arte Moderna de São Paulo e o Ministério da Educação da Grécia. Sua trajetória inscreve-se no processo de internacionalização da arte brasileira na segunda metade do século XX, articulando formação europeia, atuação docente e participação ativa no circuito artístico brasileiro. O Instituto Vlavianos foi criado em 2021 pelos irmãos Myrine e Gabriel Vlavianos para cuidar da memória dos pais, Teresa Nazar (1933-2001) e Nicolas Vlavianos (1929-2022)⁴.

ANOS DE 2016 A 2018 – AUTORIA DE MARIA BONOMI [O TROFÉU TEVE DURAÇÃO DE TRÊS EDIÇÕES]

Maria Anna Olga Luiza Bonomi (Meina, Itália, 1935) é uma das figuras centrais da gravura contemporânea no Brasil, cuja trajetória artística articula com singular vigor os campos da gravura, da escultura, da arte pública e da cenografia. Imigra para o Brasil em 1946, fixando-se em São Paulo, cidade que se tornaria não apenas seu lugar de residência, mas também o território simbólico e urbano no qual grande parte de sua obra se inscreve.

Sua formação inicia-se no princípio da década de 1950, quando estuda pintura e desenho com Yolanda Mohalyi, em 1951, e posteriormente com Karl Plattner, em 1953. No mesmo ano, opta pela nacionalidade brasileira, gesto que marca simbolicamente sua inserção definitiva na cultura artística do país. Em



Figura 7 - Maria Bonomi
Fonte: Fotografia de Rafa Marques. Disponível em: <https://www.spescoladeteatro.org.br/noticia/maria-bonomi-inaugura-obra-no-memorial-da-america-latina-que-homenageia-vitimas-da-pandemia>. Acesso em: 21 fev. 2022

1954, aproxima-se da gravura sob orientação de Lívio Abramo, mestre fundamental na consolidação da gravura moderna no Brasil, cuja influência seria decisiva na constituição de sua linguagem.

Sua primeira exposição individual ocorre em São Paulo, em 1956. Nesse mesmo ano, recebe bolsa da Ingram-Merrill Foundation e transfere-se para Nova York, onde estuda no Pratt Institute Graphics Center com o pintor Seong Moy. Paralelamente, frequenta cursos de gravura com Hans Müller e de teoria da arte com o historiador Meyer Schapiro, na Columbia University. Esse período internacional amplia seu repertório técnico e conceitual, consolidando uma compreensão expandida da gravura como campo experimental e estrutural da linguagem visual.

De volta ao Brasil, em 1959, participa da oficina de gravura em metal conduzida por Johnny Friedlaender no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ). No ano seguinte, funda em

São Paulo o Estúdio Gravura, ao lado de Lívio Abramo, espaço que se tornaria um núcleo de formação e difusão da gravura moderna, no qual atua como assistente do mestre até 1964.

A partir da década de 1960, sua atuação estende-se ao teatro, realizando cenários e figurinos em colaboração com o diretor Antunes Filho. Nesses trabalhos, a cenografia deixa de ser mero suporte narrativo para constituir-se como estrutura visual ativa, integrando espaço, gesto e dramaturgia. Essa experiência contribui para a dimensão espacial e arquitetônica que posteriormente atravessará sua obra.

Nos anos seguintes, Bonomi radicaliza a materialidade da gravura, ampliando seus limites técnicos e conceituais. A matriz deixa de ser apenas instrumento de reprodução para tornar-se objeto escultórico e campo de experimentação plástica. A artista introduz cortes profundos, incisões vigorosas e ritmos

gráficos que evocam tanto a escrita quanto a paisagem urbana. Sua poética articula tensão entre gesto e estrutura, entre memória e inscrição, entre superfície e profundidade.

A partir da década de 1970, sua pesquisa desloca-se progressivamente para a escala monumental e para o espaço público. Produz painéis de grandes dimensões nos quais a linguagem da gravura é transposta para a arquitetura, transformando muros, praças e edifícios em superfícies de inscrição simbólica. Nesses trabalhos, a artista reafirma a dimensão pública da arte, concebendo-a como experiência coletiva e como forma de diálogo com a cidade.

Em 1999, defende a tese de doutorado *Arte Pública: Sistema Expressivo/Anterioridade* na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), na qual reflete teoricamente sobre a relação entre arte, espaço urbano e memória histórica -

temas que atravessam sua produção artística.

Ao longo de sua trajetória, recebeu importantes distinções, entre elas a Ordem do Rio Branco, em 2001, e a Ordem do Ipiranga, no grau de Grande Oficial, concedida pelo Governo do Estado de São Paulo em 25 de outubro de 2010. Sua presença na cultura brasileira extrapola o circuito das artes visuais. A artista foi retratada como personagem histórica na minissérie *Um Só Coração* (2004), exibida pela Rede Globo, sendo interpretada pela atriz Maria Luísa Mendonça.

A obra de Bonomi inscreve-se, assim, na confluência entre gravura, escultura e arquitetura, afirmando uma poética marcada pela intensidade do gesto, pela potência da matéria e pela convicção de que a arte pode operar como forma de memória coletiva e inscrição sensível no espaço da cidade. Sua produção representa também uma inflexão significativa na tradição da gravura brasileira, ao



Figura 8 - Prêmio ABCA 2016-2018, por Maria Bonomi.

Fonte: Hércio Magalhães forneceu a fotografia, por meio de Thais Helena Franco, sesc.org.br, e também fornecida por Alecsandra Matias de Oliveira

deslocar a matriz xilográfica do campo estritamente gráfico para um território expandido, no qual imagem, matéria e espaço urbano se entrelaçam.

Nesse sentido, sua trajetória pode ser compreendida como parte de um processo de transformação da gravura no Brasil, especialmente no período posterior à atuação de Lívio Abramo, no qual a técnica deixa de ser apenas meio de reprodução para afirmar-se como linguagem autônoma, experimental e profundamente vinculada à dimensão pública da arte.

Tal perspectiva permite compreender a contribuição de Bonomi em três eixos fundamentais: a renovação da matriz xilográfica como campo escultórico e processual; a incorporação da gravura à escala monumental da arte pública; e sua posição de destaque na história da gravura brasileira contemporânea. Esses aspectos situam sua obra no cruzamento entre tradição gráfica, experimentação formal e reflexão crítica sobre o lugar da arte no espaço urbano⁵.

ANOS DE 2019 A 2022 – AUTORIA DE MARIA BONOMI (O TROFÉU TEVE DURAÇÃO DE DUAS EDIÇÕES)

A partir do ano de 2023, sob a presidência de Sandra Makowiecky, a Associação Brasileira de Críticos de Arte instituiu uma nova diretriz para a concepção de seu troféu anual: a cada edição da premiação, uma obra distinta passa a ser encomendada a um artista convidado. Com essa decisão, a instituição busca não apenas renovar simbolicamente a materialidade do prêmio, mas também ampliar o número de artistas envolvidos nesse gesto de reconhecimento, fortalecendo a presença de diferentes poéticas no campo das artes visuais e em diferentes regiões do Brasil.

Ao promover a criação de uma obra inédita a cada ano, a ABCA reafirma seu compromisso com a diversidade e a vitalidade da produção artística brasileira, conferindo maior visibilidade



Figura 9 - Prêmio ABCA 2019, entregue apenas em 2023, por Maria Bonomi.
Fonte: Hércio Magalhães forneceu a fotografia, por meio de Thais Helena Franco, sesc.org.br



Figura 9a - Maria Bonomi.
Foto: Bruno Giovannetti

à pluralidade de linguagens, trajetórias e perspectivas que constituem o panorama contemporâneo da arte no país. O troféu deixa, assim, de ser apenas um objeto comemorativo para tornar-se também um testemunho sensível da criação artística de seu tempo, refletindo a amplitude cultural e a riqueza expressiva da arte brasileira.

ANO DE 2023 – AUTORIA DE SANAGÊ CARDOSO (UMA EDIÇÃO EXCLUSIVA PARA O TROFÉU DO ANO DE 2023)

Sanagê Cardoso nasceu no Rio de Janeiro, filho de Maria do Carmo e Oswaldo Cardoso, integrantes de uma família formada por um casal de irmãos. Em 1972, desloca-se para Brasília, cidade ainda jovem, movido pela busca de qualidade de vida e por um horizonte de possibilidades. A capital modernista, erguida sobre a utopia arquitetônica do século XX, torna-se o território onde sua sensibilidade artística começaria a se consolidar.

No final da década de 1970, tinha plena convicção de que seria fotógrafo. Em 1978, investe integralmente nessa vocação, dedicando-se ao domínio técnico e à afirmação de sua linguagem visual. Participa de exposições individuais e coletivas e desenvolve trabalhos para agências de publicidade, revistas e projetos editoriais, e nesse período a câmera torna-

se instrumento de investigação do visível: um meio de captar tensões entre luz, matéria e espaço.

Formado pela Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, em Brasília, inicia sua trajetória artística na



Figura 10 - Sanagê Cardoso. Foto: Cultura e Lazer. Acesso em 05 mar. 2026

fotografia autoral e conceitual. Gradualmente, porém, a imagem deixa de ser apenas registro bidimensional e passa a insinuar volume, densidade e corporeidade. As abstrações visuais que antes habitavam a superfície fotográfica começam a migrar para o espaço. Desse deslocamento nasce o impulso escultórico que orientará sua produção futura. Em 1994, Sanagê decide trilhar um caminho inesperado: funda uma pequena metalúrgica. O gesto, aparentemente pragmático, transforma-se em um ponto de inflexão decisivo. O contato cotidiano com o aço, o corte, a dobra e o peso da matéria inaugura uma nova compreensão do fazer artístico. O ateliê e a oficina passam a coexistir como territórios complementares de criação.

A partir de 2004, dedica-se intensamente à produção de esculturas em aço carbono e aço inoxidável. Seu trabalho dialoga com a tradição da escultura construtiva brasileira, evocando afinidades com a obra de artistas como Amílcar de Castro, Franz



Figura 11 - Prêmio ABCA 2023, por Sanagê Cardoso.

Fonte: ABCA/Divulgação

Weissmann e Alexander Calder, mas preserva uma inflexão própria. Em suas peças, a matéria não é apenas estruturada: ela é tensionada, dobrada, suspensa entre equilíbrio e acaso, onde Sanagê explora o limite entre estabilidade e movimento, questionando a posição espacial tradicional da escultura.

Um dos elementos recorrentes em sua produção é a forma do clipe, objeto banal do cotidiano, transformado em signo escultórico. Ao ampliá-lo, dobrá-lo ou tensioná-lo no espaço, o artista desloca sua função utilitária e o converte em estrutura poética. O clipe deixa de prender papéis e passa a articular forças invisíveis: gravidade, equilíbrio, gesto e pensamento.

Criado especialmente como homenagem, o troféu celebra artistas, críticos e pesquisadores que se destacaram no ano de 2023. Ao fazê-lo, o escultor transforma o gesto de reconhecimento institucional em experiência estética, convertendo a premiação em objeto de reflexão sobre forma, arte e memória.

ANO DE 2024 – AUTORIA DO COLETIVO KÓKIR. TADEU DOS SANTOS KAINGANG E SHEILLA SOUZA (UMA EDIÇÃO EXCLUSIVA PARA O TROFÉU DO ANO DE 2024)

Formado pelos artistas Tadeu dos Santos Kaingang e Sheilla Souza, o coletivo Kókir inscreve sua produção no campo expandido das poéticas indígenas contemporâneas. O termo *kókir*, que na língua Kaingang significa fome, não se refere apenas à necessidade do corpo, mas à urgência histórica de memória, território e reconhecimento, que simboliza uma fome de mundo, de escuta e de futuro.

Oriundos do curso de Artes Visuais da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e integrantes da ASSINDI (Associação Indigenista de Maringá), os artistas desenvolvem uma prática que atravessa simultaneamente a criação estética, a reflexão política e a pedagogia intercultural. Nesse percurso, a cidade torna-se campo de interlocução e fricção, lugar onde cosmologias indígenas confrontam e



Figura 12 - Tadeu dos Santos Kaingang e Sheilla Souza. Crédito: Jackson Yonegura

reinventam os regimes visuais da modernidade.

As proposições do coletivo desdobram-se em múltiplos meios, como instalações, pinturas, objetos, fotografias, vídeos, performances e publicações, configurando um território híbrido em que arte, ativismo e saber tradicional se entrelaçam. Mais do que representar culturas indígenas, suas obras instauram espaços de encontro e de escuta, convocando diálogos com comunidades, artistas e pesquisadores indígenas e não indígenas.

Nesse sentido, o Kókir afirma-se como uma prática de criação compartilhada, na qual autoria e coletividade se fundem em gesto ritual e político. A arte torna-se dispositivo de resistência e de reconexão: uma forma de reatar vínculos entre território, memória e presença. Em suas ações, a obra não se encerra no objeto, mas prolonga-se como experiência de relação. Cada trabalho é um convite ao bem viver, à reativação de cosmologias que compreendem a existência como trama entre humanos, espíritos, terra e céu.

Assim, o gesto artístico transforma-se em rezo contínuo, uma escuta do sagrado que faz vibrar, no presente, a persistência da ancestralidade.

O título *Jógnam*, que significa “mordida” em Kaingang, traduz a poética da série. Uma mordida aqui não é apenas um gesto físico, mas um símbolo multifacetado de dor, esperança e renovação. O coletivo tece em suas obras o trançado, que na cosmovisão Kaingang representa o pensamento e a própria forma de existir.



Figura 13 - Troféu da Coleção *Jógnam* (*Mordida* em Kaingang). Coletivo Kókir: Tadeu Kaingang e Sheilla Souza. 21 x 22 x 3 cm, 2025. Fotos: Tadeu Kaingang

Ao unir elementos opostos e complementares, presentes na cosmovisão Kaingang, como as linhas longas do grupo clânico Kamé (sol) e as formas arredondadas do grupo Kainru (lua), o Kókir celebra a união de forças e as complementaridades.

As gravuras da série *Mordidas* são um testamento dessa resiliência. Elas também foram realizadas partindo da observação da transformação de grades de ventiladores em fruteiras, feita pelo povo Kaingang do Ivaí, na cidade de Maringá (PR).

O coletivo Kókir, deixou sua marca com a exibição de sua coleção *Jógnam* (pronuncia-se ióndug), que compõe a série de troféus do Prêmio ABCA, e a série *Mordidas*, as gravuras em caixa acrílica que foram distribuídas como Menção Honrosa durante a cerimônia.



Figura 14 - Homenagens especiais e menção honrosa. *Mordidas*, Coletivo Kókir: Tadeu Kaingang e Sheilla Souza. Pigmento mineral sobre papel algodão, 21 x 30 x 5 cm, 2025. Fotos: Jackson Yonegura

Desde 1978, ano em que o prêmio foi instituído, a Associação Brasileira de Críticos de Arte tem contado com a colaboração de artistas convidados para a concepção de seu troféu.

Esse percurso evidencia a presença de seis artistas na criação do troféu

ao longo da história da premiação, resultando em sete modelos distintos, uma vez que Maria Bonomi concebeu duas versões diferentes da peça. Assim, o troféu da ABCA constitui não apenas um símbolo de reconhecimento institucional, mas também um pequeno compêndio da diversidade poética e formal que atravessa a produção artística brasileira.

Com a mudança instituída a partir de 2023, pela qual, a cada ano, uma nova obra passa a ser encomendada a um artista convidado diferente dos anteriores, a iniciativa tende a ampliar ainda mais esse repertório. Ao favorecer a participação de criadores de distintas trajetórias e regiões do país, a ABCA fortalece a presença de múltiplas poéticas no campo das artes visuais e expande, ao longo do tempo, esse compêndio simbólico da diversidade estética e cultural da arte brasileira. O que nos espera para a edição de premiação do ano de 2025, no oitavo modelo de troféu do Prêmio ABCA em sua longa e expressiva história?

NOTAS

1 MAKOWIECKY, Sandra; BASCHIROTTTO, Viviane. Prêmios da Associação Brasileira de Críticos de Arte. São Paulo: ABCA Editora, 2023. Disponível em <https://abca.art.br/wp-content/uploads/2023/08/Livro_ABCA-1_bx.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2026.

2 Haroldo Barroso. Disponível em: <https://www.guiadasartes.com.br/haroldo-barroso-beltrao/arte-de>. Acesso em: 25 mar. 2022.

3 BRUNO Giorgi. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8920/bruno-giorgi>. Acesso em: 25 mar. 2022. Verbetes da Enciclopédia.

4 NICOLAS Vlavianos. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9218/nicolas-vlavianos>. Acesso em: 25 mar. 2022. Verbetes da Enciclopédia.

5 MARIA Bonomi. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8447/maria-bonomi>. Acesso em: 25 mar. 2022. Verbetes da Enciclopédia.

LISBETH REBOLLO GONÇALVES

Professora titular aposentada da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Docente e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina e do Programa de Pós-Graduação em Estética e História da Arte desta Universidade. É presidente honorária da Associação Internacional de Críticos de Arte e membro honorário da Associação Brasileira de Críticos de Arte – ABCA. Atualmente é editora da *Revista Arte & Crítica*.

SANDRA MAKOWIECKY

Professora titular aposentada da UDESC – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina. Presidente da Associação Brasileira de Críticos de Arte – ABCA gestão 2022-2024. Membro da ABCA e da AICA. Coordenou o Museu da Escola Catarinense por 12 anos. Possui diversas publicações, sobretudo na área de Artes. Atualmente coordena o Passeio Cultural Primavera, integra o Conselho do Instituto Collaço Paulo e é editora da *Revista Arte & Crítica*.